



Os jovens e a comunicação

Das crianças entre 2 e 5 anos, 58% jogam videogame, sabem distrair-se com o iPad, mas não sabem andar de bicicleta, e 11% não sabem amarrar os sapatos e não sabem responder corretamente quando lhes é pedido o endereço da própria casa. É o destino da *screen generation* que, a partir dos primeiros meses de vida, tem o que fazer com os display do computador, videogame, celular e dos dispositivos touch como tablet e smartphone antes de ter aprendido habilidades úteis na vida diária. São apenas os últimos dados de uma pesquisa que pretendia monitorar como mudou a interação entre as crianças e as tecnologias.

A geração Y

A era digital é caracterizada por uma geração jovem que nasceu com as novas tecnologias, é por elas plasmada, usa-as com grande desenvoltura e, infelizmente, também, com grande indiferença e inconsciência dos mecanismos que as regem, atentos a um uso apenas oportunista, funcional. Mudam o modo de comunicar, a percepção do tempo e do espaço, o conceito de realidade, como também o modo de criar os filhos, de alimentá-los e de educá-los, de aprender e de ensinar.

Descrever os jovens, hoje, requer um esforço notável de conhecimento e de compreensão das linguagens, das formas de comunicação e expressão que lhes são próprias. O jovem de hoje se conecta de forma múltipla e se move através de espaços descentralizados e ambivalentes. Em todos os meridianos e paralelos, os ambientes que frequenta são cada vez mais espaços onde o tempo e o consumo de bens, reais e virtuais, se fundem e se confundem.

A cosmovisão juvenil se configura a partir de intercâmbios comunicativos planetários. Os jovens experimentam uma sensação de ubiquidade, movendo-se através das diversas culturas e geografias virtuais, entrando em relação com outras línguas, outras culturas, tornando-se protagonistas de um aprendizado híbrido.

Eles “são” a comunicação hodierna, nasceram nela, amam-na, consomem-na e a produzem.

A *geração Y* aguça a sensibilidade e os processos cognitivos, parte da imagem. É uma geração habituada a colocar em comum as experiências, a confrontar-se de forma direta, a darem-se conselhos e a dialogar simultaneamente. O seu dia transcorre de um teclado a outro: passam velozmente do celular ao computador, ao iPod (esta atividade se chama *multitasking*) vivendo (ou melhor, atravessando) múltiplas experiências. Contemporaneamente estudam, entram no chat, ouvem música, respondem ao celular, assistem televisão (pela web, obviamente).

O tecido social é, agora, dividido em dois grandes grupos culturais: os *digital natives* (nativos digitais), eles, os jovens, que nasceram no mundo da tecnologia digital, e os *digital immigrants* (imigrantes digitais), nós, que fomos projetados (ou arremessados), os adultos.

A fratura é gerada por uma alteração das ligações neurais do cérebro das jovens gerações, que modifica e transforma as tradicionais diferenças geracionais em algo novo: uma voragem, que os cientistas chamam de *brain gap*. Nas crianças que têm uma interação precoce com a televisão e com o computador, as conexões cerebrais se desenvolvem de forma diferente em relação a quem exercita uma atividade de leitura e de redação, ou uma atividade corpórea. Particularmente hoje, na escola (mas não só) os professores se encontram com alunos que, por suas experiências cognitivas precoces, têm estruturas cerebrais diferentes e por isso dialogam com grande dificuldade.

Esta verdadeira e específica mutação antropológica se traduz em uma necessidade de *lateralizar-se*, de estar continuamente conectados no contexto corrente da informação.

A centralidade dos social network

A web 2.0 sinaliza a passagem da primeira forma de Internet (a web 1.0 com as páginas web, os sites estatísticos, as correntes de busca etc.) ao social network (SN), isto é, ambientes como Wikipedia, Google, YouTube, Facebook, Twitter ecc., caracterizados pela sociabilidade, interatividade, multimídia, hipertextualidade, partilha dos conhecimentos, facilidade do uso, autoria dos usuários na produção da comunicação mesma (*user generated content*).

A centralidade dos SN na vida dos jovens é essencial. As plataformas para a sociabilidade em rede se inseriram fortemente no dia a dia dos jovens, e seus serviços se tornam cada vez mais “indispensáveis”, enquanto ligados a uma contemporaneidade acelerada e complexa, que necessita de instrumentos que simplificam e estabilizam relações e tempos, aumentando a multiplicidade do real e as ocasiões de relacionalidade.

Os jovens servem-se disso para controlar os “movimentos” dos próprios contatos, “traçar” os deslocamentos dos amigos e conhecidos: trata-se de fechar o círculo de amizade em uma continuidade online e off-line. Através dos SN os jovens “tomam conta” dos amigos, organizando verdadeiras “sociedades” consolidadas em torno de seus interesses comuns: uma forma de continuar a sentir que “todos estão próximos”. Os SN ativam e cultivam o desejo de manter sempre aberta a comunicação com os próprios amigos, permanecendo sempre conectados, acessíveis e disponíveis durante boa parte do dia.

É “o não sentir-se jamais sozinhos” e isolados, mas sempre no centro dos pensamentos da própria rede de amizades. Finalmente, através dos SN os jovens se tornam “autores” de comunicação, produtores de conteúdos áudio, vídeo, textos, imagens que podem ser compartilhadas por interesses e manter os relacionamentos. Um exemplo claro é a “distribuição” dos arquivos musicais através de suportes digitais portáteis, como o Ipod e que, mediante a rede, são depois distribuídos e “ouvidos” em grupo.

Os jovens vivem a comunicação em rede continuamente: o online e o off-line não são mundos paralelos, mas um único espaço “real” de experiência, diversamente articulado e unificado pelas práticas e pelos relacionamentos. A centralidade da relação é jogada nas dinâmicas do reconhecimento e da confiança como chaves de acesso às buscas sociais, que constroem relações estáveis, preservam memórias e se abrem às potencialidades do futuro. Emerge uma verdadeira capacidade de “estar-com”, de partilhar, de acompanhar-se reciprocamente, seja em momentos passageiros da vida, seja no dia a dia. Neste caso, as palavras (escritas e faladas) valorizam e tecem um espaço comum e criam as condições para dar e receber gratuitamente a capacidade de falar de si com confiança, construindo um ambiente em que a dimensão pessoal é colocada em comum.

Riscos e ambiguidades

Diante dessas que são “boas notícias”, é importante não esquecer os riscos e as ambiguidades que derivam, sobretudo, da velocidade da interação, da rapidez da difusão de informações e da construção da comunicação em rede, que suprimem a dimensão temporal, anulando o passado e arriscando anular todo o presente.

A multiplicação das amizades online podem ser a perda de uma profundidade de tais relações, porque fundadas sobre motivações fracas. Misturar-se com uma ou mais identidades digitais, enquanto de uma parte revela a extrema versatilidade dos jovens em “estabelecer” contatos, do outro, amedronta, pelo perigo que a identidade, ainda em fase de consolidação, sobretudo na pré-adolescência, se pluralize em uma miríade de comunidades virtuais, também elas declinadas no plural, onde se apóiam na colaboração e na interação social, mas onde, no entanto, está presente a “con-fusão” entre a dimensão pública e a privada.

Ao mesmo tempo, formas de banalização para evitar o conflito ou de homologação, onde não se exprimem posições dissonantes a respeito daquele grupo; a expressão de intimidade que passa através de modelos “adaptados” ao grupo, ou se exprime prevalentemente de forma indireta e mediata; a prevalência de uma palavra puramente dita, que empobrece a troca e torna impossível o encontro, para além do estar-com; a amizade que se constrói sobre bases de semelhanças e afinidades, deixando fora tudo aquilo que é “outro” (por idade, autoridade, diversidade de histórias e visão; alteridade em relação à dimensão do íntimo; à dimensão da imanência).

Sem uma abertura à alteridade dificilmente pode existir encontro e comunicação, o não querer “emergir” como pessoa inibe a responsabilidade, o testemunho; não conseguir articular a dimensão privada com a pública, em vista da participação a uma sociedade civil digital.

É tempo de educadores e comunicadores testemunhas

A pessoa é, e permanece, uma criatura da comunicação que, como dizia Mounier, é «menos frequente que a felicidade, mais frágil do que a beleza; basta um nada para detê-la ou parti-la entre dois sujeitos». A comunicação é, portanto, um fenômeno complexo, no qual se misturam elementos naturais e convencionais, sintáticos e semânticos, pragmáticos e emotivos. Os processos, e as atividades, comunicativos são tecidos por metáforas, significados, códigos, intenções, projetos, finalidades e aspirações, vontade de colaboração e envolvimento dos participantes que fazem deles uma das dimensões humanas mais belas e ao mesmo tempo, fatigadas. A comunicação conduz os dialogantes a um contínuo controle e ajuste da interação e da partilha, à construção de convergências mutáveis e empáticas.

Na era digital, portanto, se as nossas competências comunicativas não evoluem, cedo ou tarde, nos encontraremos fora do jogo, sentadas em um banquinho e... não teremos mais nada a dizer, porque nos faltarão as categorias de “como” dizê-lo.

Temos necessidade de educadores e comunicadores que testemunhem o entusiasmo e a determinação interior para enfrentar o mar aberto da transformação; que sejam eles, os primeiros homens e mulheres de aventura, exploradores humildes e perseverantes, que saibam fixar o olhar sobre uma terra firme, que permanece, porém, sempre futura, para frente; que não possuem sempre todas as respostas, mas conhecem algum segredo prático e concreto para viver sem tanto medo e para continuar a confiar na rota que, à noite, nos oferece apenas a estrela polar.

Maria Antonia Chinello, fma